

Cadastramento de alunos começa em setembro

ENSINO

Renata Jubran/AE

Objetivo é eliminar o aluno fantasma e dividir as escolas estaduais por faixa etária

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

O cadastramento de alunos nas escolas estaduais, municipais e particulares de 1º e 2º graus de São Paulo começa dia 11 de setembro e deve durar até o final do ano. Todo o aluno vai receber uma carteira, espécie de RG escolar, que será exigida sempre que ele for se matricular. O objetivo é acabar com os alunos fantasmas. É também o primeiro passo para a divisão das escolas estaduais por faixas etárias, que vai vigorar a partir de 96, anuncia a secretária de Educação, Rose Neubauer.

Em parte da rede, funcionarão só classes de 1ª a 4ª séries; na outra, de 5ª a 8ª e 2º grau. "Queremos um modelo mais racional", diz. "Construir menos escolas, otimizar os recursos existentes e empregar só os professores de que realmente precisamos." Dessa forma, raciocina, será possível melhorar os salários. Mas a divisão não será implacável. As escolas que, entre as 6.700 da rede do Estado, não puderem ser adequadas no início do ano, vão se acomodar ao longo dos meses.

A mudança permitirá, segundo a secretária, manter os 180 mil professores necessários para atender à demanda, ao invés dos 240 mil que atualmente constam na folha de pagamento. Neubauer faz um balanço positivo dos primeiros sete meses de gestão e anuncia os planos para 96: vai investir pesado no ensino supletivo. Para os alunos atrasados, vai criar as classes de aceleração, em que será possível cumprir o programa de dois anos letivos em um só período. Outra meta importante é a capacitação de professores. Para tanto, a secretária promete repasse de R\$ 20 milhões às delegacias de ensino. Cada regional deverá ter um projeto adequado à sua realidade e poderá procurar as parcerias convenientes. Em entrevista exclusiva ao Estado, Neubauer revela ainda que o programa de escolas padrão pode até continuar, mas não nos moldes em que foi criado.

Estado — Por que fazer um cadastramento na rede escolar?

Rose Neubauer — O Estado precisa conhecer sua rede. Temos estatísticas educacionais e populacionais muito conflitantes. Em algumas faixas etárias, as estatísticas educacionais são maiores que as populacionais. As crianças e os pais, muitas vezes, com medo de não conseguir vagas, garantem matrículas em várias escolas. E as escolas, com medo que essas crianças estejam evadidas e voltem, mantêm as matrículas por longos períodos. Numa rede imensa como a nossa, de 6,5 milhões de alunos, até 5% de engano é um nú-



A secretária de Educação Rose Neubauer: "Em algumas faixas etárias, as estatísticas educacionais são maiores que as populacionais"

mero muito grande: 300 mil alunos são, no mínimo, 3 mil escolas funcionando nos três turnos. Precisamos saber onde é preciso construir e qual o número exato das salas de aula. Só será possível organizar a rede a partir de um cadastro informatizado dos alunos.

Estado — Como será feito?

Rose — A partir do levantamento de documentos de todos os alunos. A Prodesp vai consolidar os dados e cada aluno terá seu próprio cadastro. A seguir, as informações serão cruzadas para garantir que um aluno seja realmente um único aluno na rede escolar do Estado de São Paulo. De-

pois, ele só poderá ser matriculado com a apresentação do registro de matrícula (RM), espécie de RG escolar que poderá inclusive repetir ou dar origem ao número da carteira de identidade.

Estado — Quantos alunos fantasmas existem na rede?

Rose — É impossível saber com certeza. Pode variar de 300 mil a 500 mil.

Estado — Este é o primeiro passo para a separação de escolas por faixas etárias?

Rose — O cadastramento vai

ajudar muito. No final do ano, teremos um quadro mais realista. Pretendemos evitar classes com poucos alunos. Como verificamos um crescimento do número de professores proporcionalmente muito maior do que o de alunos no Estado, como temos o problema de professores não habilitados e a problemática de aumentar o salário dos professores, queremos racionalizar todo equipamento para liberar recursos e pagar melhor os docentes.

Estado — Então, o remanejamento de professores e alunos será intenso no início de 96?

Rose — Eles serão remanejados em blocos. Vamos ter escolas de 1ª a 4ª séries; de 5ª a 8ª séries e 2º grau; ou só de 2º grau. Vamos aumentar a quantidade de escolas só de 2º grau.

Estado — Qual o objetivo desta ordenação?

Rose — São dois. Um de natureza didático-pedagógica; e outro de potencializar os recursos humanos. Escolas de 1ª a 4ª séries terão pequena biblioteca dentro da sala de aula, jogos pedagógicos, cartazes, grande estimulação cognitiva próxima à criança, enfim, um ambiente pedagógico organizado de acordo com a necessidade da criança pequena. Esta unidade, inclusive, não vai funcionar à noite, fato que pode diminuir os problemas com segurança escolar. Já as escolas de 5ª a 8ª e de 2º grau, destinadas a adolescentes e pré-adolescentes, terão laboratórios, bi-

blioteca grande, quadra poliesportiva. Na realidade, as escolas têm de estar organizadas de acordo com o trabalho pedagógico. Hoje, o Brasil é um dos únicos países do mundo que mistura, numa mesma sala de aula, desde crianças de 7 anos até adultos de 24. Então, é uma sala de aula que não fala nada com ninguém. Pedagogicamente, todas as escolas estão descharacterizadas.

Estado — Se não existirem escolas próximas para atender ao 1º e 2º graus, o Estado vai providenciar transporte adequado?

Rose — Acreditamos que haverá uma introdução grande de transporte escolar para levar crianças de um lugar a outro. A organização da rede também permitirá melhorar a jornada de trabalho do professor. Ao invés de passar por cinco escolas, ficará concentrado em uma ou duas. Hoje, uma das críticas que o professor faz é de que ele é quase um bóia-fria, para completar uma jornada vai um pouco em cada escola. No novo formato, dá para fixar o professor na escola.

Estado — As prefeituras vão participar desta reorganização?

Rose — Existem poucas redes municipais no Estado, cerca de 10% dos municípios têm redes próprias e poucas são significativas. As prefeituras não serão obrigadas a entrar neste modelo.

Estado — Esta ordenação significa economia?

Rose — Tenho a impressão de que vamos diminuir brutalmente a necessidade de lançar mão de professor leigo, hoje em torno de 39 mil. Acho que poderemos abrir mão de 20 a 30 mil deles.

Estado — Todas as escolas estarão reorganizadas no início do ano?

Rose — Eu acho que num primeiro momento não conseguiremos reorganizar todas as 6.700 escolas, mas deveremos chegar a 4 ou 5 mil.

Estado — O que são classes de aceleração?

Rose — A organização implica a ordenação do fluxo dos alunos. A repetência hoje atinge

níveis alarmantes: 1,5 milhão de alunos são reprovados todos os anos, o que significa uma perda de US\$ 600 milhões. O resultado são salas bastante heterogêneas, que dificultam o aprendizado. Por isso, vamos criar as classes de aceleração para alunos mais velhos e que estejam muito atrasados. Eles serão retirados das classes regulares e terão aulas com apoio diferenciado. Já estamos desenvolvendo material didático e capacitando professores em metodologia para atender a estas crianças. No final do ano, as crianças que cursaram, por exemplo, o segundo ano acele-

rado, poderão passar para o quarto ano. Todas as escolas consideradas críticas serão chamadas a participar do processo. Se não quiserem entrar neste trabalho, terão de oferecer uma metodologia alternativa.

Estado — Como fica o projeto das escolas padrão?

Rose — A escola padrão está em fase de questionamento. Nós entendemos que o mais acertado é oferecer a todas as escolas os benefícios dispensados às padrão. Não queremos que apenas os alunos de algumas unidades desfrutem de 5 horas de aula/dia. O ideal é que todos possam ter este período dentro das salas de aula. O governo não pretende retirar benefícios das escolas e, sim, estender para outras. Talvez em outros moldes. O que for importante pretendemos expandir para outras sem manter privilégios específicos.

Estado — São Paulo vai tornar as escolas autônomas, como já acontece em Minas Gerais e começa a ocorrer no Rio?

Rose — A escola já recebe alguns recursos para fazer sua manutenção e estamos fazendo experiência com algumas escolas para comprar sua própria merenda. Mas tem algumas coisas que dependem de uma discussão maior, como a autonomia de quadro de pessoal, que está sendo discutida dentro da rede. Aí, vai depender de quanto as entidades ligadas ao magistério estão dispostas a brigar por uma escola mais autônoma. Não pode ser uma imposição do governo, mas uma reivindicação da categoria.

Estado — Como estão as negociações salariais com os professores? O governo vai atender à reivindicação da categoria, que quer piso de três salários mínimos e incorporação das gratificações?

Rose — A comissão de salários está avaliando. O governo ainda está com grandes dificuldades financeiras.

Estado — Qual o balanço dos seus sete meses de gestão?

Rose — Acho que aconteceram coisas importantes do ponto de vista de política educacional. A possibilidade que tivemos de escolher as lideranças educacionais (os

delegados de ensino passaram por uma seleção) foi muito positiva. Para mim, isto faz uma diferença grande. Pela primeira vez, temos delegados que têm projetos, que têm de prestar contas para as escolas e para a comunidade. Eles estão mais interessados, a equipe de supervisão está mais próxima da escola porque é preciso fazer um plano de capacitação a partir dos indicadores de cada escola. A questão do cadastramento envolve todos. Acho que esta situação fornecerá momentos ricos de troca e de percepção regional dos problemas.

**SECRETÁRIA
PRETENDE
AUMENTAR
NÚMERO DE
COLÉGIOS DE
SEGUNDO
GRAU**

**MUDANÇA
PERMITIRÁ
REDUZIR
BRUTALMENTE
O USO DE
PROFESSOR
LEIGO**